



Epidemiological profile of leprosy cases in São Luís-MA between 2018 and 2021

Perfil Epidemiológico dos casos de hanseníase em São Luís-MA entre 2018 e 2021

SANTOS, Denise Alves⁽¹⁾; DUARTE NETO, Neemias Costa⁽²⁾; OLIVEIRA, Laíde de Sousa⁽³⁾; VIEIRA, Yanna Kessia dos Santos⁽⁴⁾; OLIVEIRA, Ilária Sales Viana⁽⁵⁾; CUNHA, Cláudia Regina dos Santos⁽⁶⁾

⁽¹⁾ 0000-0003-2959-0246; Universidade Ceuma. São Luís, Maranhão (MA), Brasil. deniise.alves@hotmail.com.

⁽²⁾ 0000-0003-2513-0947; Universidade Ceuma. São Luís, Maranhão (MA), Brasil. neemiascosta50@gmail.com

⁽³⁾ 0000-0001-9704-2909; Universidade Ceuma. São Luís, Maranhão (MA), Brasil. laidesousa_100@live.com.

⁽⁴⁾ 0000-0003-2035-9857; Universidade Ceuma. São Luís, Maranhão (MA), Brasil. yannaksvieira@hotmail.com

⁽⁵⁾ 0000-0002-5769-8177; Universidade Ceuma. São Luís, Maranhão (MA), Brasil. ilariasales@hotmail.com

⁽⁶⁾ 0000-0002-2859-3587; Universidade Ceuma. São Luís, Maranhão (MA), Brasil. enfermeiracunhas@gmail.com.

O conteúdo expresso neste artigo é de inteira responsabilidade dos/as seus/as autores/as.

ABSTRACT

Leprosy refers to a chronic pathology, infectious, caused by the bacillus *Mycobacterium leprae*, considered a disease of public concern for presenting high numbers of new cases. It was aimed to evaluate the epidemiological profile of leprosy cases in São Luís-MA between the years 2018 to 2021. This is an epidemiological, retrospective and descriptive study, whose data were collected on the DATASUS platform. Aspects related to gender, age group, ethnicity, education, clinical evolution and the type of exit were analyzed. It was observed that the disease prevails among men (54.19%), aged between 40 and 49 years (18.47%) and most with high school education (30.60%). Thus, it was found that multidisciplinary assistance is essential for better adherence and completion of treatment of leprosy cases, as well as education plays an important role in the perception of risk of the disease, maintaining treatment and resulting in a better prognosis.

RESUMO

A hanseníase refere-se a uma patologia crônica, infectocontagiosa, causada pelo bacilo *Mycobacterium leprae*, considerada doença de preocupação pública por apresentar elevados números de casos novos. Objetivou-se avaliar o perfil epidemiológico dos casos de hanseníase em São Luís-MA entre os anos de 2018 a 2021. Trata-se de um estudo epidemiológico, retrospectivo e descritivo, cujo dados foram coletados na plataforma DATASUS. Foram analisados aspectos relacionados ao gênero, faixa etária, etnia, escolaridade, evolução clínica e o tipo de saída. Observou-se que a doença prevalece entre os homens (54,19%), com idade entre 40 a 49 anos (18,47%) e a maioria com ensino médio (30,60%). Assim, verificou-se que a assistência multiprofissional é fundamental para melhor adesão e finalização de tratamentos dos casos de hanseníase, como também, escolaridade assume papel importante para a percepção de risco da doença, mantendo o tratamento e resultando em um melhor prognóstico.

INFORMAÇÕES DO ARTIGO

Histórico do Artigo:

Submetido: 05/09/2022

Aprovado: 28/12/2022

Publicação: 10/01/2023



Keywords:

Epidemiologia;

Hanseníase; Incidência.

Palavras-Chave:

Epidemiologia;

Hanseníase; Incidência.

Introdução

A hanseníase refere-se a uma patologia crônica, infectocontagiosa, causada pelo bacilo *Mycobacterium leprae*, que alcança os nervos periféricos, e é considerada doença de preocupação pública por apresentar elevados números de casos novos, além disso essa patologia é caracterizada pelo surgimento de lesões assintomáticas e anestésicas na pele, manchas e nódulos avermelhados, sendo assim, é considerada uma doença tropical negligenciada (Da Silva Oliveira et al., 2021).

O contágio pela doença surge de forma direta através da transmissão de uma pessoa com afecção não tratada e portadora ativa do bacilo de Hansen, especialmente entre os que tem convívio direto e duradouro, além de precisar combinar vários fatores, entre eles os socioambientais, a carga parasitária e a suscetibilidade genética do indivíduo (Santos et al., 2020).

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a hanseníase é um problema de saúde pública em várias partes do mundo, no entanto, o Brasil é o segundo país na lista de novos casos sendo testados, perdendo apenas para a Índia. Um total de 137.385 novos casos de hanseníase foi confirmado. Destes, 55,3% eram pacientes do sexo masculino (Brasil, 2021).

O Maranhão está inserido nessa realidade, com uma taxa predominante da doença, de 3,76 por 10.000 habitantes e uma nova taxa de detecção de 51,19 por 100.000 habitantes. Diante disso, ocupando o terceiro lugar em prevalência, o estado perde apenas para Mato Grosso e Tocantins, categorizando-se como um estado hiperendêmico. Em 2015, foram registrados 3.534 novos casos em todo o estado, dos quais 1.102 foram em São Luís (Mendonça et al., 2019).

Em um estudo realizado em São Luís-MA demonstrou que na última década, a capital apresentou 9.387 casos de hanseníase, e em relação ao perfil clínico, houve maior prevalência de casos multibacilar, de modo que a faixa etária não apresentou significância para a contaminação da doença, considera-se portanto esse município com elevados índices de casos entre pacientes jovens, o que tem grande representatividade para os dados avaliados em relação a saúde coletiva (Sales Junior et al., 2022).

A covid-19 resultou em entraves para a busca de modo ativo de novos casos de hanseníase em diferentes cidades. As atividades de mobilização comunitária, debates com a comunidade, inspeção e exames físicos foram limitadas devido as novas recomendações de inibir a disseminação do vírus. A dificuldade gerada no atendimento a outros tipos de doenças esteve atrelada ao redirecionamento do fluxo de atendimento à covid-19, deixando a mercê os casos de hanseníase (Mendonça et al., 2022).

Cabe esclarecer que a doença tem tratamento, porém é de difícil adesão por trata-se de poliquimioterapia através da interação de três medicamentos, a saber: rifampicina, dapsona e clofazimina, o tratamento deveria inicia-se após o diagnóstico positivo, com cuidados realizados em regime ambulatorial e terapêutica adequada pelo serviço público de saúde, logo a importância da ação de equipes multiprofissionais, com o intuito de promover saúde e qualidade de vida, com base em uma assistência holística e individualizada (Da Silva Souza et al., 2022).

Dessa forma, o presente estudo tem como objetivo avaliar o perfil epidemiológico dos casos de hanseníase em São Luís-MA entre os anos de 2018 a 2021, por ser um problema de saúde pública a pesquisa se mostra relevante em expor as prevalências e as características do agravo, favorecendo a elaboração e implementação de ações voltadas para a erradicação da doença e definição de novos critérios de abordagem a depender do perfil encontrado.

Procedimento Metodológico

Trata-se de um estudo epidemiológico, retrospectivo e descritivo, com análise do perfil epidemiológico dos casos de Hanseníase em São Luís-MA, cuja série temporal obedeceu o período de 2018 a 2021. Os dados foram coletados no site do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS), a partir do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN). Diante disso, as informações estão dispostas na seção de informação de saúde (TABNET), na opção epidemiologia e morbidades.

Este sistema é uma ferramenta que auxilia todo território nacional na vigilância epidemiológica. Cada atualização torna-se disponível no (DATASUS) Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde – que provem dos órgãos do (SUS) Sistema Único de Saúde, de sistemas de informação e suporte de informática, com a finalidade de organizar, planejar, controlar e de operacionalizar, sobre responsabilidade de atualização das Secretárias do Estado e do Município no SINAN (Oliveira et al., 2020).

As variáveis que foram incluídas no estudo trataram de aspectos em relação ao gênero, faixa etária, etnia, escolaridade, evolução clínica e o tipo de saída. Nas tabelas e gráficos foram aplicadas a estatística descritiva através de frequências absolutas e relativa, sendo processados nos programas Microsoft Office e Microsoft Excel 2019 e Tab para Windows (TabWin) versão 4.14.

Por se trata de dados de domínio público e ainda dados secundários disponibilizados pelo Ministério da Saúde através do (DATASUS) não houve necessidade de submeter essa pesquisa ao Comitê de Ética de acordo com a Resolução CNS 466/12.

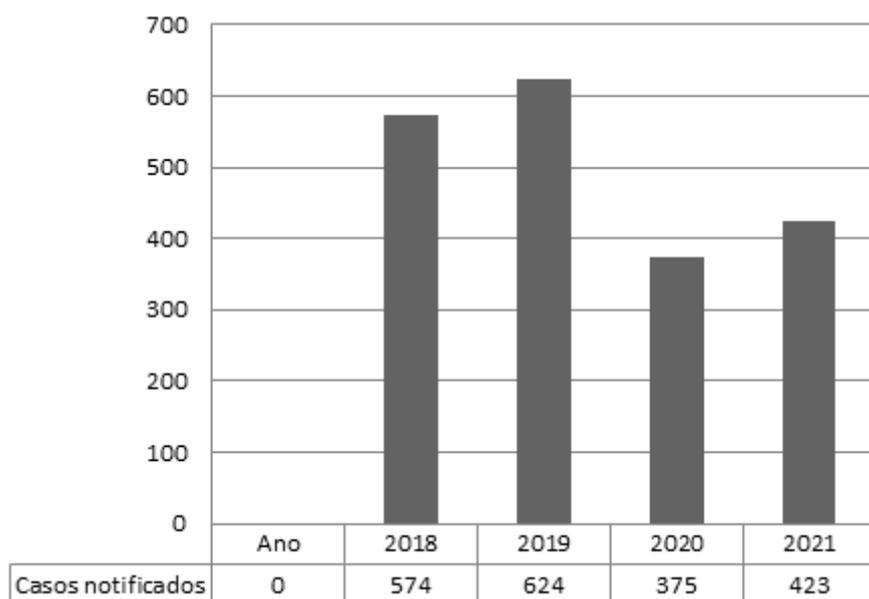
Resultados e Discussão

A partir das análises dos dados observou-se que de 2018 a 2021 foram registrados 1.996 novos pacientes com hanseníase em São Luís-MA, sendo mostrado no gráfico 1 que os anos de 2018 a 2019 houve uma maior predominância, na qual nos anos de 2020 a 2021 houve uma oscilação pequena no número de casos, os quais passaram a declinar a partir de 2020, apresentando uma redução dos casos quando comparado a 2018, isso nos levou inclusive a questionar se o isolamento em razão da Covid-19 pode ter contribuído para diminuição dos casos nos últimos dois anos ou se houve aumento das subnotificações.

Assim, entre os anos avaliados percebeu-se que em 2019 foi o ano com maior número de casos diagnosticados, com pequena oscilação entre 2020 e 2021, conforme se verifica no gráfico 1. Em relação ao cenário nacional a região Nordeste foi a que registrou novos casos no Brasil, dentre os Estados dessa região, o Maranhão obteve maior índice (12%) (De Assis Carvalho & da Cunha Gonçalves, 2022).

Gráfico 1.

Número de casos de hanseníase registrados entre 2012 a 2021, Maranhão, Brasil.



Nota: Ministério da Saúde/ Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN).

Durante esse período eclodiu a pandemia do novo coronavírus. As dificuldades estabelecidas pela pandemia da Covid-19 possivelmente agravou a invisibilidade de pessoas diagnosticadas com hanseníase, tornando-se uma doença negligenciada. Durante a fase de pico do novo vírus, em 2020, houve atrasos no diagnóstico da doença, visto que muitos

usuários evitaram procurar postos de saúde como forma de evitar a contaminação, seguindo as medidas de isolamento e distanciamento social (Mendonça et al., 2022).

Já a tabela 1 traz o perfil epidemiológico e sociodemográfico de casos de hanseníase registrados durante a série temporal em análise, observou-se que uma maior prevalência no sexo masculino (54,19%), pessoas com idade entre 40 a 49 anos (18,47%), a maioria declarou ser pardo (68,05%) e terem realizado até o ensino médio completo (30,60%).

Nessa perspectiva, referente ao número de casos associado ao gênero os dados corroboram com um estudo nacional realizado por Campos e colaboradores (2018) ao estudar o perfil clínico epidemiológico dos pacientes diagnosticados com hanseníase na Paraíba e no Brasil, sob esse mesmo cenário Souza et al (2018) discorrem que a maior ocorrência nesse público está relacionada pelo maior contato inter-humano nos espaços laborais, como também, possuem baixa preocupação em relação à saúde, ocasionando um retardo no diagnóstico.

Percebeu-se ainda que a faixa etária mais atingida pela doença englobou a maioria de pessoas com idade entre 40 aos 49 anos, tal achado é justificado pelo longo período de incubação da doença, um período em torno de 2 a 7 anos, logo, isso pode retardar o diagnóstico, e tornar a doença é mais comum nos indivíduos ditos anteriormente, tal fato gera prejuízos financeiros pois impossibilita a pessoa a exercer atividades diárias (Gonçalves et al., 2018). Quanto ao índice de escolaridade os resultados encontrados foram em contraponto aos registrados por Alves et al (2021) pois os relatos desse estudo trouxeram que há maior ocorrência de casos de hanseníase entre as pessoas que estudam até o ensino fundamental.

Tabela 1.

Frequências absolutas e relativas de casos prováveis de hanseníase por gênero, faixa etária, raça e escolaridade, no período de 2018 a 2021, São Luís-MA.

Variável	N	%
Sexo		
Masculino	1.091	54,19
Feminino	922	45,80
Faixa etária (anos)		
1 a 4	6	0,298
5 a 9	46	2,28
10 a 14	92	4,57
15 a 19	102	5,06

20 a 29	266	13,21
30 a 39	362	17,98
40 a 49	372	18,47
50 a 59	324	16,09
60 a 69	266	13,21
70 a 79	132	6,55
≥ 80	45	2,23
Raça		
Branca	259	12,86
Preta	359	17,83
Amarela	14	0,69
Parda	1.370	68,05
Indígena	4	0,19
Ignorado/Branco	7	0,34
Escolaridade		
Ign/Branco	39	1,93
Analfabeto	110	5,46
1ª a 4ª série incompleta do EF	252	12,51
4ª série completa do EF	85	4,22
5ª a 8ª série incompleta do EF	336	16,69
Ensino fundamental completo	197	9,78
Ensino médio incompleto	165	8,19
Ensino médio completo	616	30,60
Educação superior incompleta	66	3,27
Educação superior completa	130	6,45
Não se aplica	17	0,84

Legenda: N = número de casos de hanseníase, % = percentual

Nota: Ministério da Saúde/ Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN)

Com base na tabela 2, observou-se que a maioria dos casos (1.048) evoluíram para a cura, cerca de 1,04% evoluiu a complicações que resultaram em óbitos dos pacientes, e mais de 8% abandonaram o tratamento.

Esses resultados corroboram com os achados de Monteiro et al (2017) que associam os resultados da taxa de cura a ao número de diagnóstico precoce e espontâneo, como também ao esquema terapêutico, além disso, Pires et al (2021) reforçam que a taxa de cura com o uso

adequado de poliquimioterapia é muito maior em pessoas que não precisaram reiniciar o tratamento por questões diversas (Pires et al., 2021).

Cabe esclarecer que a taxa de abandono esteve maior principalmente por questões culturais como preconceitos e estigmas sociais (Souza et al., 2018), isso faz com que muitos pacientes não se sentem amparados pela família, associados aos efeitos colaterais dos medicamentos e longa duração do tratamento (De Gouvêa et al., 2020).

Em relação ao percentual de óbitos por complicações nossos resultados estão em consonância com os resultados nacionais, isso se deve principalmente pelas variáveis utilizadas pela Estratégia Nacional de Enfrentamento da Hanseníase elaborada pelo Ministério da Saúde, que visa erradicar a doença em face da realidade brasileira (Brasil, 2020), questões como busca ativa, detecção precoce, tratamento oportuno, reabilitação e interrupção da cadeia de transmissão são primordiais para o sucesso e enfrentamento da hanseníase.

Tabela 2.

Frequência de alta/saída do programa de tratamento no período de 2018 a 2021, São Luís-MA, Brasil.

Tipo de Saída	N	%
Não Preenchido	524	26,03
Cura	1.048	52,06
Transferência para o mesmo município	169	8,39
Transferência para outro município	35	1,73
Transferência para outro estado	19	0,94
Óbito pelo agravo notificado	21	1,04
Abandono	179	8,89
Erro diagnóstico	18	0,89

Nota: Ministério da Saúde/ Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN)

Outros resultados encontrados foram em relação as formas clínicas e observou-se que o tipo paucibacilar com variáveis para as formas indeterminada e tuberculoide foram as que apresentaram menor número de casos enquanto a forma multibacilar diversificada em dimorfa e virchowiana apresentou elevado índice da forma Dimorfa seguido da forma Virchowiana tabela 3, tais dados corroboram com os estudos de Marquetti et al., (2022) que destaca o estado do Maranhão entre os três estados do nordeste com maior número de casos de hanseníase multibacilar.

Tabela 3.
Frequência por Forma Clínica Notificados período de 2018 a 2021, São Luís-MA, Brasil.

Forma clínica	N	%
Indeterminada	94	4,66
Tuberculóide	214	10,63
Dimorfa	1.266	62,89
Virchowiana	342	16,98
Não classificada	96	4,76
Ignorado/Branco	1	0,049

Nota: Ministério da Saúde/ Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN)

Esse estudo teve como limitação o fato de obter dados de uma plataforma de domínio público, que muitas vezes demora atualizar os registros de casos e pode ter contribuído para uma amostra reduzida ou subnotificações e ainda perda de informações, dificultando uma análise aprofundada. Contudo, os resultados dessa pesquisa estão em consonância com os dados de Assis Carvalho, Cunha Gonçalves (2022) que destacaram cerca de 48,9% dos casos registrados no Brasil como sendo também a maioria multibacilar, mais especificamente na forma dimorfa.

Considerações Finais

O presente estudo cumpre com seu objetivo ao analisar os casos de hanseníase no período abordado, verificando que a incidência é maior no público masculino, com faixa etária entre 40 a 49 anos, de cor parda, apresentando de forma dado diferencial da literatura para a escolaridade, com ensino médio completo. Acerca das formas clínicas da doença, os casos em São Luís apresentam números expressivos para dimorfa.

Além disso, verificou-se com essa pesquisa que a assistência multiprofissional é fundamental para melhor adesão e finalização de tratamentos dos casos de hanseníase, pois foi possível observar que a partir dos anos de 2020 teve uma regressão nos casos registrados como também maior registro de abandono nos tratamentos, isso se deve possivelmente ao fato de que as equipes assistências estiveram envolvidas com as diversas variáveis que surgiram com a pandemia do novo coronavírus.

Diferentemente do que foi encontrado na literatura, a maioria dos indivíduos infectados possuem ensino médio completo. Dentro dos determinantes em saúde, a escolaridade assume papel importante para a percepção de risco da doença, mantendo o tratamento e resultando em um melhor prognóstico. Fato esse evidenciado pelo aumento no número de cura em comparação com os índices de morte, que foram baixos, logo pauta-se como importante dado para a estratégia nacional de redução dos casos registrados e consequentemente importante ferramenta de saúde pública.

REFERÊNCIAS

- Alves, J. M., da Purificação Rodrigues, R., & Carvalho, M. C. S. (2021). Perfil epidemiológico e espacial dos casos novos de hanseníase notificados em Feira de Santana no período de 2005-2015. *Revista Pesquisa em Fisioterapia*, 11(2), 334-341.
- Azevedo, Y. P., da Silva Bispo, V. A., de Oliveira, R. I., Gondim, B. B., dos Santos, S. D., da Natividade, M. S., & Nery, J. S. (2021). Perfil epidemiológico e distribuição espacial da hanseníase em Paulo Afonso, Bahia. *Revista Baiana de Enfermagem* 35, .
- Brasil. (2017). Ministério da Saúde..Portaria de consolidação n.º 4, de 28 de setembro de 2017.Consolidação das normas sobre os sistemas e os subsistemas do Sistema Único de Saúde.
- Brasil. (2021). Ministério da Saúde. Boletim Epidemiológico Especial da Hanseníase. Brasília. Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/media/pdf/2021/fevereiro/12/boletim-hanseniase-_25-01.pdf. Acesso em: 04 mai. 2022.
- da Silva Oliveira, P., da Silva, A. M. F., de Sousa Neto, L. R., da Silva Brito, D. M., Dias, D. C. G., de Sousa Costa, P. L., ... & da Silva Oliveira, F. (2021). Avaliação do grau de incapacidade neurofuncional dos pacientes com diagnóstico de Hanseníase Assessment of the degree of neurofunctional disability in patients diagnosed with leprosy. *Brazilian Journal of Health Review*, 4(4), 15870-15887.
- de Assis Carvalho, K., & da Cunha Gonçalves, S. J. (2022). Perfil epidemiológico dos pacientes portadores de hanseníase no Brasil, entre 2015 e 2019. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, 8(7), 821-833.
- de Gouvêa, A. R., Martins, J. M., Posclan, C., Dias, T. A. A., Neto, J. M. P., de Freitas Rondina, G. P., ... & Lozano, A. W. (2020). Interrupção e abandono no tratamento da hanseníase. *Brazilian Journal of Health Review*, 3(4), 10591-10603.
- Gonçalves, N. V., Alcântara, R. C. C., Sousa Júnior, A. D. S., Pereira, A. L. R. R., Miranda, C. D. S. C., Oliveira, J. S. D. S., ... & Palácios, V. R. D. C. M. (2018). A hanseníase em um distrito administrativo de Belém, estado do Pará, Brasil: relações entre território, socioeconomia e política pública em saúde, 2007-2013. *Revista Pan-Amazônica de Saúde*, 9(2), 21-30.
- Marquetti, C. P., Sommer, J. A. P., da Silveira, E. F., Schröder, N. T., & Périco, E. (2022). Perfil epidemiológico dos acometidos por hanseníase em três estados da região Nordeste do Brasil. *Research, Society and Development*, 11(1), e38811124872-e38811124872.
- Mendonça, I. M. S., Eleres, F. B., Silva, E. M. S., Ferreira, S. M. B., & de Sousa, G. S. (2022). Impacto da pandemia de Covid-19 no atendimento ao paciente com hanseníase: estudo avaliativo sob a ótica do profissional de saúde. *Research, Society and Development*, 11(2), e4111225459-e4111225459.

- Mendonça, M. A., Andrade, Y. N. L. D., Rolim, I. L. T. P., Aquino, D. M. C. D., Soeiro, V. M. D. S., & Santos, L. H. D. (2019). Perfil epidemiológico dos contatos intradomiciliares de casos de hanseníase em capital hiperendêmica no Brasil. *Rev. pesquis. cuid. fundam.(Online)*, 873-879.
- Ministério da Saúde (BR). (2019). Estratégia nacional para enfrentamento da hanseníase 2019-2022.
- Pires, C. A. A., dos Santos, M. A. L., Biasi, B. H., Moreira, A. G., Coimbra, A. C., Ferreira, M. C., ... & Carneiro, F. R. O. (2021). Análise da ocorrência de reações adversas à poliquimioterapia no tratamento para hanseníase. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, 13(2), e6233-e6233.
- Santos, A. R. D., & Ignotti, E. (2020). Prevenção de incapacidade física por hanseníase no Brasil: análise histórica. *Ciência & Saúde Coletiva*, 25, 3731-3744.
- Souza, E. A. D., Ferreira, A. F., Boigny, R. N., Alencar, C. H., Heukelbach, J., Martins-Melo, F. R., ... & Ramos Jr, A. N. (2018). Hanseníase e gênero no Brasil: tendências em área endêmica da região Nordeste, 2001–2014. *Revista de Saúde Pública*, 52, 20.